

## Refletindo sobre equidade de gênero aqui e lá fora

Janaína Gama

Petrobrás

Nos dias 14 e 15 de março de 2019, tive a oportunidade de participar de dois importantes eventos relacionados à equidade de gênero: 2019 Women's Empowerment Principles Forum e We Empower – Gender Responsive Business Practices, em Nova Iorque, Estados Unidos.

O primeiro fórum, realizado na sede da ONU, teve como proposta analisar os avanços do tema a partir dos Princípios de Empoderamento das Mulheres (WEPs, sigla em inglês). Empresas do setor privado apresentaram iniciativas para, por exemplo, aumentar o número de mulheres nos cargos de liderança e estimular o financiamento de projetos femininos. No segundo fórum, foram reunidas empresas do setor público e privado, empresas de investimento e empreendedoras de países que compõem o G7, União Europeia, América Latina e Caribe, para debater sobre a relevância de negócios socialmente responsáveis, principalmente, focados no empoderamento econômico das mulheres.

Fui representando a Petrobras Distribuidora na delegação brasileira composta por presidentes de companhias, acadêmicas e gerentes executivas de diversas empresas, como: CKZ Diversidade Consultoria, KPMG, Mappit Talent Groups, Itaipu Binacional, Rede Mulher Empreendedora, Furnas, FGV-SP, Ministério de Minas e Energia e ONU Mulheres.

Nos dois dias, tivemos a certeza de que ainda são necessários avanços na discussão sobre equidade de gênero. Como foi salientando por Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora-executiva da ONU Mulheres, durante o primeiro fórum, o progresso tem sido lento, diante de uma agenda que se propõe a implementação dos objetivos de desenvolvimento sustentável até 2030. No âmbito das grandes empresas, tem aumentado a percepção da equidade como algo que gera diversos benefícios: inovação, criatividade, melhor ambiência organizacional, além de aumentar a rentabilidade e valorizar a reputação da marca. Mas elas ainda possuem o desafio de envolver a alta liderança, mudar a cultura organizacional e promover iniciativas entre sua cadeia de valor.

E quando pensamos nas pequenas e médias empresas, o desafio é ainda maior, porque muitas desconhecem a relevância do tema para seus negócios. Vale destacar ainda que, no caso do Brasil, a questão de gênero precisa ser analisada junto à questão racial. Somos um país de população majoritariamente negra (54%, segundo dados do IBGE de

2017), contudo, marcado por uma profunda desigualdade racial. Dessa maneira, precisamos ter o olhar atento à situação das mulheres negras.

Diante desse cenário, nós também temos o desafio de estimular a reflexão sobre equidade de gênero e raça e implementar ações inclusivas. E fazemos isso de várias maneiras na BR: curso online específico sobre diversidade, oficinas e palestras, além de campanhas, como a de gênero, que ainda está sendo divulgada. Mas ainda precisamos envolver mais as lideranças e inserir as questões de diversidade em todos os processos da companhia, porque tudo é influenciado pelos vieses de gênero e de raça.

Um exemplo prático foi apresentado pela P&G, que identifica a participação feminina em toda a cadeia de suprimentos e busca capacitá-las. Já a agência de publicidade Amen destacou que a valorização dos direitos das mulheres é algo bom para os negócios e, para divulgar a atuação do time feminino, representante do Uruguai, criou-se um jogo de totó com bonecas, em vez de bonecos. Alguma vez você já viu um totó com bonecas? O viés de gênero só nos permite criar bonecos, porque o esporte ainda é percebido como masculino.

Para mim, estar compartilhando conhecimento com pessoas atuantes na área de diversidade e inclusão foi bastante inspirador. As questões de gênero e de raça são focos dos meus estudos desde especialização e mestrado – e atualmente, no doutorado. Participar de eventos desse porte é uma maneira de aumentar meu conhecimento sobre os assuntos, conhecer as práticas internacionais e ter ideias de como podemos melhorar nossas práticas e campanhas. E destaco que, felizmente, encontrei na minha atuação em prol da diversidade e dos direitos humanos, o meu propósito de vida. E acredito que um mundo melhor passa, sem sombra de dúvidas, pela inclusão de todas as pessoas. Não se trata de "bom-mocismo", mas de solidariedade coletiva, necessária para um mundo sustentável.

